



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	A Poética de Aristóteles
<b>Autor</b>	CAROLINA PIRES ZINGANO
<b>Orientador</b>	RAPHAEL ZILLIG

Título: A Poética de Aristóteles  
Autor: Carolina Zingano  
Orientador: Raphael Zillig  
Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## I. INTRODUÇÃO

Como Aristóteles poderá explicar os prazeres próprios da literatura e da arte? E para além disso, como explicar prazer diante de algo que *não* nos seria fonte de prazer na vida real? Qual é a peculiar propriedade deste tipo de obra que nos permite tais reações? É isto que procurei melhor entender através dos conceitos mais centrais da poética: *mimesis* e *katharsis*.

## II. RESUMO DOS RESULTADOS

Percebe-se que é central compreender a *mimesis*, que é ela mesma a essência da poesia, para poder compreender o caso peculiar da tragédia, que é, em alguma medida, a mais desenvolvida poética. Ao observar tais aspectos gerais da *mimesis* presentes em suas discussões na *literatura* e também em outras artes podemos perceber que há três elementos principais com que ela lida: cognição emoção e prazer.

Na análise feita até agora sobre a *katharsis*, fica evidente a relação com o emocional pelas menções claras às emoções de piedade e medo. No entanto, além disso, com auxílio de comentadores como Nussbaum, Halliwell e Nehamas, percebemos um forte elemento cognitivo. A tragédia parece *através* destas emoções – que demonstram claramente que de algum modo *nos representamos* na personagem trágica – aproximamo ou explicitamo-nos de uma realidade remota. A nossa virtude não garante a felicidade: o mundo lhe pode ser hostil. Os bens externos estão fora de nosso controle e podem *sim* afastar-nos da felicidade. No entanto, parece também mostrar que ainda assim, a virtude pode triunfar sem a *eudaimonia*. Mesmo diante de uma situação trágica, a humanidade pode responder com dignidade.

Além disso, parece que este aspecto cognitivo que fora causado *por meio* das emoções também, em contrapartida, é meio para a sua *katharsis*. A nossa fragilidade e o seu alento parecem *ajustar* nossas emoções de medo e piedade a uma justa medida. Esse relacionamento forte entre emoção e cognição pareceria ser explicado facilmente pelas próprias definições das emoções: elas não são totalmente *irracionais*, pois a racionalidade a permeia. Sem que achássemos que o sofrimento de uma personagem não foi *merecido*, não sentiríamos pena; se não achássemos que este mesmo sofrimento possa ocorrer a mim ou a alguém próximo, não o temeria.

O que não está ainda claro é de que modo o prazer está ligado à peça. Sabemos que haverão prazeres não propriamente miméticos (ou cognitivos) na apreciação de uma obra qualquer. Também sabe-se que há prazer no aprendizado. No entanto, não fica claro se os prazeres da tragédia podem se resumir a cognição e tais aspectos não miméticos (que parecem ser causa um prazer inferior).

## III. METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu através da leitura dos textos de Aristóteles pertinentes ao assunto pesquisado e a leitura de crítica e comentário exegético de assuntos semelhantes, de modo a conhecer a discussão e os argumentos já feitos sobre o mesmo assunto e maior esclarecimento sobre a questão estudada na pesquisa. Além disso, textos foram escritos por mim e posteriormente discutidos juntamente ao professor orientador.